

CONHECIMENTO DA INFECÇÃO PELO PAPILOMAVÍRUS HUMANO (HPV) EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DO INTERIOR DE GOIÁS

Ana Laura Bastos Oliveira ¹
Dr^a Larisse Silva Dalla Libera ²

INTRODUÇÃO

A infecção pelo papilomavírus humano (HPV) é reconhecida como uma das principais causas de câncer relacionado à infecção em homens e mulheres (PAPILOMAVÍRUS HUMANO: ASPECTOS CLÍNICOS, 2019), afetando tanto a região genital como a extragenital (Carvalho e col., 2007). Embora a maioria das infecções pelo HPV seja assintomática e se resolva espontaneamente, a infecção persistente por tipos de HPV de alto risco pode levar a lesões precursoras e ao câncer (PAPILOMAVÍRUS HUMANO: ASPECTOS CLÍNICOS, 2019).

A infecção por esse vírus pode ocorrer em três formas distintas: clínica, subclínica e latente (CARVALHO; NOBRE; BARROS; BEZERRA; LEITÃO; PINHEIRO, 2007) e é predominante nas formas subclínica e assintomática entre os homens.

Os tipos de papilomavírus humano da mucosa (HPV) são divididos em 2 grupos com base em sua associação com o câncer. Tipos de HPV de baixo risco ou não oncogênicos estão associados a verrugas anogenitais e papilomatose respiratória recorrente (RRP). A infecção persistente com tipos de HPV de alto risco ou oncogênicos é o mais importante fator de risco para o desenvolvimento de câncer, incluindo cervical, peniana, anal, vaginal, vulvar e câncer orofaríngeo (DUNNE; PARK, 2013).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer a prevalência de câncer do colo do útero no Brasil, em 2020, eram esperados 16.710 casos novos, com um risco estimado de 15,38 casos a cada 100 mil mulheres. É a terceira localização primária de incidência e a quarta de mortalidade por câncer em mulheres no país, sem considerar tumores

¹ Ana Laura Bastos Oliveira, Faculdade Evangélica de Ceres, E-mail: anaoliveirabastos499@gmail.com

³ Dr^a Larisse Silva Dalla Libera, Universidade Evangélica de Goiás, E-mail: larisse.dalla@gmail.com

de pele não melanoma. Para o Estado de Goiás a incidência do câncer do colo útero é de 590 casos por 100.000 habitantes (INCA BRASIL, 2020).

Considerando a complexidade da ocorrência do HPV, destaca-se a preocupação em se valorizar os sentidos da prevenção na população juvenil, subjacente ao desencadeamento da vivência sexual.

Atualmente observa-se mudanças socio-culturais importantes que interferem no início precoce das relações sexuais, assim como na frequência de múltiplos parceiros. Os adolescentes costumam ser vulneráveis a comportamentos de risco e aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (DST). O início precoce da atividade sexual, a multiplicidade de parceiros, o uso esporádico de preservativo, o consumo de bebida alcoólica e drogas ilícitas têm sido considerados preditores para as DST (SILVA.; OLIVEIRA; MATOS; TAVARES; MEDEIROS; BRUNINI; TELES, 2006).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com aplicação de questionário online. As perguntas foram distribuídas em: 12 relacionadas a dados gerais de cada participante e 15 de conhecimento sobre o papiloma vírus humano, sendo questões de múltiplas escolhas. O grupo amostral foi definido incluindo acadêmicos maiores de 18 anos, devidamente matriculados nos cursos superiores da referida instituição, e foram excluídos aqueles que não preencherem corretamente o TCLE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários foram aplicados em 142 dos 172 acadêmicos matriculados. A maioria dos alunos eram solteiros (81%), com faixa etária entre 18 a 23 anos (85,9%) e com vida sexual ativa (64,8%), dentre esses, 44,4% relataram o uso de preservativo durante as relações sexuais.

De acordo com os resultados obtidos, a maioria das estudantes relataram o uso de preservativo durante as relações sexuais (44,4%) ou disseram que fariam uso do preservativo, caso tivessem relações íntimas (21,1%). Mas 29,6% relataram não fazer o uso do preservativo. A falta de informação e conhecimento sobre as ISTs, além do pouco diálogo entre jovens e adultos sobre a importância da utilização de preservativo, pode influenciar no comportamento sexual de risco em jovens e adolescentes.

Calcula-se que o uso de preservativo durante as relações sexuais protege entre 70% a 80% a transmissão do HPV (BRASIL, 2014a).

O nível de conhecimento dos acadêmicos em relação ao questionário sobre a infecção por HPV e a vacina anti-HPV por curso superior, foi maior nos alunos de um dos cursos, tanto em relação ao questionário sobre a infecção viral (82,1%). Contudo, este resultado pode ter sido superestimado pelo menor número de participantes deste curso em relação aos outros.

O nível de acerto em relação ao Papilomavírus humano tanto das estudantes vacinadas quanto dos não vacinados foi praticamente igual (67%). Estes resultados revelam a necessidade de criação de ações educativas voltadas para a comunidade, que promovam informações adequadas e fidedignas sobre a infecção pelo HPV e suas formas de prevenção.

Praticamente todos os estudantes vacinados já ouviram falar sobre o HPV, no entanto, elas ainda demonstram falta de conhecimento sobre suas formas de transmissão e se a infecção ocasionada pelo vírus tem ou não cura. A infecção pelo HPV é transitória e regride naturalmente, no entanto a resposta imunológica ativa é menor quando comparada a resposta passiva gerada pela vacina anti-HPV.

Os estudantes vacinados entendiam que a infecção pelo HPV é comum ($p=0,02$). A infecção pelo HPV é uma das mais prevalentes, calcula-se que 50 a 80% das mulheres que vivem no mundo serão infectadas pelo vírus em algum período da vida.

De acordo com os resultados obtidos, os alunos vacinados tiveram um baixo nível de conhecimento sobre a transmissão do HPV através do beijo ($p=0,006$). E isso pode ter sido reflexo da falta de informação e conhecimento mediante as formas de transmissão do vírus.

Aproximadamente 70% dos casos de transmissão do HPV ocorrem por meio de relações sexuais, a partir da prática de sexo oral, vaginal ou anal em que o contato direto com a pele infectada pode levar a micro traumas no tecido facilitando a entrada dos vírions do HPV. A transmissão do vírus também pode acontecer por uso de fômites como objetos de uso pessoal, aparelhos médicos ou objetos sexuais e pela

transmissão vertical, que acontece durante o trabalho de parto normal (ROSA et al., 2009; VELOSO; SILVA; SILVA, 2013; PANOBIANCO et al., 2013). O tempo necessário para o surgimento dos primeiros sintomas da infecção pelo HPV é de mais ou menos 2 a 8 meses, em alguns casos pode demorar até 20 anos. Por possuir uma grande variação para o aparecimento de lesões é impossível definir exatamente quando e de que forma a pessoa foi infectada pelo HPV (BRASIL, 2017).

CONCLUSÃO

O nível de conhecimento dos acadêmicos dos cursos superiores em geral foi satisfatório. Ainda são necessários estudos que avaliem a distribuição genotípica do HPV em jovens com vida sexual ativa e que estejam vacinados, já que essas mulheres podem ser infectadas por algum outro genótipo que não esteja na vacina. A ausência de informação sobre a infecção pelo HPV e a vacina anti-HPV dificulta medidas de controle e tratamento das lesões. Desta forma, ainda são indispensáveis ações de incentivo à comunidade acadêmica e a população para o conhecimento das principais formas de transmissão do vírus, dando enfoque na eficácia da vacina como principal meio de prevenção, pois em grande parte dos casos a infecção é assintomática.

AGRADECIMENTOS

Estes doze meses foram intensos e cheios de aprendizados, é impossível não agradecer por este tempo precioso, para que esta etapa fosse concluída com êxito. À Profa. Dra. Larisse Silva Dalla Libera que, ao longo desse período, orientou, nunca mediu esforços para proporcionar o melhor desenvolvimento possível tanto nos trabalhos quanto pessoal, não apenas para mim quanto para todos a sua volta, ensinando com suas palavras, mas principalmente com sua postura. Pelos conhecimentos compartilhados, pelas inúmeras vezes em que cedeu seu tempo para discutir assuntos da pesquisa, pela liberdade e confiança que depositou. À Faculdade Evangélica de Ceres e Associação Evangélica por possibilitarem a realização deste trabalho. A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram presentes, possibilitando a conclusão desta etapa.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. R. F. et al. Prevalence, genotype profile and risk factors for multiple

human papillomavirus cervical infection in unimmunized female adolescents in Goiânia, Brazil: a community-based study. **BMC Public Health**, v. 13, n. 1041, p. 1–12, 2013.

ARAÚJO, L. A. DE et al. Human papillomavirus (HPV) genotype distribution in penile carcinoma: Association with clinic pathological factors. **PLOS ONE**, v. 13, n. 6, p. 1–15, 2018.

BRASIL. ANVISA. Agência Nacional de vigilância Sanitária. Prevenção. **Registrada vacina do HPV contra 9 subtipos do vírus / Agência Nacional de vigilância Sanitária. Prevenção.** – ANVISA, 2017.

_____. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em saúde. Departamento de vigilância de doenças Transmissíveis. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. **Guia prático sobre o HPV/Guia de perguntas e respostas para os profissionais da saúde/**. Secretaria de Vigilância em saúde. Departamento de vigilância de doenças Transmissíveis. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. – Brasília: Ministério da saúde, 2014.

_____. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em saúde. Departamento de vigilância de doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. **Informe técnico sobre a vacina Papilomavírus humano (hpv) na atenção básica/**. Secretaria de Vigilância em saúde. Departamento de vigilância de doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. – Brasília: Ministério da saúde, 2014.

JARDIM, V. M. J. E et al. O conhecimento e o uso de preservativo por adolescentes: estudo comparativo em uma escola particular e pública. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, v. 8, n. 1, p. 8–13, 2013.